

O LUGAR DOS SABERES LOCAIS EM MOÇAMBIQUE NA VIRADA PARADIGMÁTICA ENTRE A MODERNIDADE, PÓS-MODERNIDADE E HIPERMODERNIDADE: UMA ANÁLISE CENTRADA NOS RITOS DE INICIAÇÃO

Anabela Amade Mulapo¹
Apolónia Marília Cláudia António Seifana²
Manuel Pastor Francisco Conjo³

RESUMO: Neste artigo analisamos o papel dos saberes locais, com foco nos ritos de iniciação, em Moçambique, considerando a evolução paradigmática da modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. Exploramos como os saberes locais foram marginalizados na modernidade, ressurgindo na pós-modernidade, e se exageraram na hipermodernidade. Para atingir nosso objectivo, por meio de uma metodologia de pesquisa bibliográfica, suportada pelas técnicas de hermenêutica textual e análise comparativa, examinamos o contexto actual de Moçambique nesse espectro paradigmático, destacando que o país não adoptou completamente a modernidade, enfrentando uma coexistência complexa de valores em áreas urbanas e rurais. Os resultados revelaram que as áreas urbanas demonstram traços hipermodernos, com busca por marcas, consumo estetizado e valores de hipermodernidade. Nas áreas rurais, os valores tradicionais persistem, mas são desafiados pela modernização e urbanização. Concluímos que Moçambique está em um momento crucial de sua trajectória paradigmática, enfrentando desafios na preservação dos ritos de iniciação. Recomendamos um equilíbrio entre a promoção dos saberes locais e a adaptação às influências modernas, envolvendo a comunidade e pesquisadores no diálogo contínuo. É essencial valorizar e preservar a rica herança cultural moçambicana no contexto contemporâneo, promovendo a harmonia entre saberes locais e conhecimento moderno.

3429

Palavras-chave: Moçambique. Modernidade. Ritos de Iniciação. Saberes Locais.

¹Doutora em Ética Empresarial, Docente universitária e coordenadora dos cursos de doutoramento em Gestão de Empresa Informação de Formação e decência Universidade são Tomás de Moçambique.

²Doutorada em Ética das Organizações/ Docente universitária e Coordenadora do Curso de Administração Pública, Universidade São Tomás de Moçambique/Instituição Universidade Técnica de Moçambique (UDM); Instituto Superior de Formação, Investigação e Ciência (ISFIC).

³Doutor em Ciência Florestal – Meio Ambiente e Conservação da Natureza, Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil Tese: Ocorrências de Incêndios Florestais na Região Sul de Moçambique Mestre em Gestão Ambiental, Universidade Pedagógica (UP), Maputo Dissertação: Problemas Ambientais no Município da Manhica – Sistema de Ações para Mitigação Licenciatura e Bacharelado em Ensino de Geografia, UP, Maputo Técnico Superior em Higiene, Segurança no Trabalho e Ambiente, ENSINE Pesquisador e Docente Universitário vinculado à Direção Científica, Universidade São Tomás de Moçambique (USTM) Formador em Pesquisa e Investigação Científica, USTM, Capacitando Docentes e estudantes no desenho metodológico, execução de investigação e produção científica de qualidade.

ABSTRACT: In this article, we analyze the role of local knowledge, focusing on initiation rites in Mozambique, considering the paradigmatic evolution of modernity, post-modernity, and hypermodernity. We explore how local knowledge was marginalized in modernity, resurged in post-modernity, and became exaggerated in hypermodernity. To achieve our objective, through a bibliographic research methodology supported by techniques of textual hermeneutics and comparative analysis, we examine Mozambique's current position within this paradigmatic spectrum, highlighting that the country has not fully embraced modernity, facing a complex coexistence of values in urban and rural areas. The results reveal that urban areas exhibit hypermodern traits, with a quest for brands, aestheticized consumption, and hypermodern values. In rural areas, traditional values persist but are challenged by modernization and urbanization. We conclude that Mozambique is at a crucial juncture in its paradigmatic trajectory, facing challenges in preserving initiation rites. We recommend a balance between the promotion of local knowledge and adaptation to modern influences, involving the community and researchers in ongoing dialogue. It is essential to value and preserve Mozambique's rich cultural heritage in the contemporary context, promoting harmony between local knowledge and modern understanding.

Keywords: Mozambique. Modernity. Initiation Rituals. Local Knowledge.

RESUMEN: En este artículo, analizamos el papel de los saberes locales, centrándonos en los ritos de iniciación, en Mozambique, considerando la evolución paradigmática de la modernidad, la posmodernidad y la hipermodernidad. Exploramos cómo los saberes locales fueron marginados en la modernidad, resurgieron en la posmodernidad y fueron exagerados en la hipermodernidad. Para alcanzar nuestro objetivo, a través de una metodología de investigación bibliográfica, respaldada por técnicas de hermenéutica textual y análisis comparativo, examinamos la posición actual de Mozambique en este espectro paradigmático, destacando que el país no ha adoptado completamente la modernidad, enfrentando una coexistencia compleja de valores en áreas urbanas y rurales. Los resultados revelaron que las áreas urbanas muestran rasgos hipermodernos, con búsqueda de marcas, consumo estetizado y valores de hipermodernidad. En las áreas rurales, los valores tradicionales persisten, pero son desafiados por la modernización y la urbanización. Concluimos que Mozambique se encuentra en un momento crucial de su trayectoria paradigmática, enfrentando desafíos en la preservación de los ritos de iniciación. Recomendamos un equilibrio entre la promoción de los saberes locales y la adaptación a las influencias modernas, involucrando a la comunidad y a los investigadores en un diálogo continuo. Es esencial valorar y preservar la rica herencia cultural mozambiqueña en el contexto contemporáneo, promoviendo la armonía entre los saberes locales y el conocimiento moderno.

3430

Palabras clave: Mozambique. Modernidad. Ritos de Iniciación. Saberes Locales.

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa aborda uma temática de grande interesse e relevância no cenário contemporâneo nacional e internacional: os ritos de iniciação⁴ na complexa interação com as

⁴ Os ritos de iniciação são cerimônias ou rituais que marcam a transição de um indivíduo de um estado anterior para um novo *status* dentro de uma comunidade ou grupo social – por exemplo: ritos de iniciação para a vida adulta; ritos de iniciação ao curandeirismo; ritos de iniciação nas artes marciais; entre outros. Esses rituais têm o propósito

distintas fases paradigmáticas da modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. Este artigo surge da constatação de que a modernidade, como um fenómeno epocal, engendrou uma transformação paradigmática marcada pela prevalência dos métodos de natureza positivista e uma franca recusa ao conhecimento alicerçado em crenças, tradições e saberes locais.

De fato, a modernidade não fala apenas daquilo que é novo ou atual (como pensam alguns jornalistas e muitos cientistas políticos), mas diz respeito à institucionalização do indivíduo como valor englobante, um valor postulado como sendo maior (e mais inclusivo) do que a sociedade da qual ele é parte (DaMatta, 2000, p. 10).

Sob esta perspectiva, os ritos de iniciação se apresentam como um conhecimento, no mínimo, desafiador para ser integrado na matriz do pensamento moderno, uma vez que os próprios critérios que delinearam esse período histórico excluíram categoricamente os elementos fundados em tradições e crenças, que é o caso dos ritos de iniciação.

À medida que nos aproximamos do século XX, assistimos a uma virada paradigmática igualmente impactante. Pensadores como Nietzsche, Foucault e Lyotard demarcaram o advento da pós-modernidade, um novo fenómeno que se distingue diametralmente da modernidade. Nesse contexto, emergem as micronarrativas, a incerteza, a descrença em relação aos paradigmas modernos, bem como a valorização de saberes emotivos, intuitivos, tradições e crenças (Lyotard, 2009). Sob esta óptica, os ritos de iniciação conquistam uma legitimidade que antes lhes era negada. Todavia, há questões cruciais a serem enfrentadas, entre elas a incerteza quanto à possibilidade de que os próprios ocidentais tenham genuinamente vivenciado a modernidade, conforme evidenciado por Bruno Latour (1994) em sua obra “Jamais Fomos Modernos”.

3431

Se, porventura, os ocidentais jamais tenham efectivamente aderido à modernidade, qual é então o lugar dos moçambicanos nesse cenário? E, mais especificamente, se a modernidade não se concretizou em Moçambique, mas sim a pós-modernidade ou até mesmo a hipermodernidade, como podemos avaliar e preservar os ritos de iniciação em nossa sociedade? Nesse contexto, o presente artigo se propõe a analisar o papel dos saberes locais em Moçambique à luz da virada paradigmática entre a modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade, tomando os ritos de iniciação como um ponto de referência essencial.

de conferir pertencimento, identidade e conhecimento específico aos iniciados, muitas vezes envolvendo desafios, ensinamentos, símbolos e simbolismo cultural, promovendo assim a coesão social e a continuidade das tradições (Osório, 2013).

Para atingir o objectivo geral acima proposto, são lançados os seguintes objectivos específicos:

- i. Apresentar a posição dos saberes locais, especialmente os ritos de iniciação, na matriz da modernidade, destacando os processos pelos quais esses conhecimentos são rejeitados pelos critérios modernos de demarcação do conhecimento válido.
- ii. Explorar a valorização e reconhecimento dos saberes locais, notadamente os ritos de iniciação, na pós-modernidade, identificando como as micronarrativas, tradições e crenças adquirem relevância nesta fase paradigmática.
- iii. Examinar a adaptação dos saberes locais, particularmente os ritos de iniciação, na hipermodernidade, caracterizada pela sua própria peculiaridade e relação com a contemporaneidade.
- iv. Discutir e contextualizar o posicionamento actual de Moçambique em relação a esses movimentos paradigmáticos, considerando se o país se enquadra na modernidade, pós-modernidade ou hipermodernidade, e como isso impacta a preservação e reconhecimento dos ritos de iniciação na sociedade moçambicana.

A relevância desta pesquisa reside na necessidade premente de compreender a dinâmica da preservação e valorização dos saberes locais, notadamente os ritos de iniciação, em Moçambique, à medida que, conforme atestam Osório & Macuácu (2013), o país se insere em uma transformação paradigmática que transcende fronteiras culturais e temporais. Este estudo fornecerá subsídios para a reflexão crítica sobre a relação entre tradição e modernidade em sociedades que experimentam mudanças culturais e sociopolíticas profundas, além de contribuir para o enriquecimento do diálogo académico acerca das complexas dinâmicas culturais no contexto global contemporâneo.

MATERIAIS E MÉTODOS

A presente pesquisa é de natureza teórica. Quanto à abordagem, a pesquisa é qualitativa, adoptando procedimentos essencialmente bibliográficos, o que significa que os dados e interpretações são baseados em textos publicados. Todavia, para a interpretação centrada no contexto moçambicano, foi usada uma técnica auxiliar: a observação, que ajudou a descrever a realidade actual dos ritos de iniciação e saberes locais no país. Quanto aos objectivos, a pesquisa é descritiva, pois além de apresentar aspectos relacionados aos saberes locais e ritos de iniciação

ao longo dos períodos moderno, pós-moderno e híper-moderno, também interpreta esses fenômenos, tanto no contexto europeu quanto no moçambicano.

Os materiais usados foram seleccionados por ordem temática e periódica, começando por obras de pensadores modernos ou de intérpretes e historiadores especializados no período moderno, seguindo aos pós-modernos, e culminando com os híper-modernos. Os textos foram maioritariamente adquiridos em revistas científicas e motores de busca como o Google Académico e o The Internet Archive (a maior biblioteca virtual do mundo dedicada à distribuição grátis de textos e outros tipos de materiais).

A escolha dos autores seguiu o critério de relevância histórica desempenhado pelo autor no seu referido período e campo de actuação. Por exemplo: para o período moderno, para caracterizar a relação entre a modernidade e os saberes locais, foram tomados cientistas como Galileu e Kepler, filósofos como Descartes e Kant, e sociólogos como Boaventura de Sousa Santos (este último sendo considerado um intérprete da modernidade e apologista e representante da pós-modernidade em Portugal). Por questões de exequidade, não foram incluídos todos os autores relevantes de suas épocas, apenas os que consideramos necessários para prosseguir com a pesquisa.

A interpretação dos dados seguiu uma abordagem hermenêutica e fenomenológica, buscando enquadrar e compreender os significados subjacentes dos variados pensamentos dos autores no contexto prático e cultural dos ritos de iniciação, tanto nos períodos ora delineados quanto no contexto moçambicano. A análise obedeceu a uma perspectiva complexa, sem mutilar nem reduzir o debate a uma e única realidade. Ou seja, interpretando o lugar dos ritos de iniciação em Moçambique, por exemplo, não se olhou apenas para as urbes, mas também para as áreas rurais, o que permitiu uma análise complexa do fenómeno estudado.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Modernidade e a Rejeição dos Saberes Locais

A modernidade, que se originou entre o final do século XVI e o início do século XVII, representou uma ruptura significativa em relação à tradição medieval. Ela contrastava os valores, conceitos, verdades e tradições mantidos pela “Igreja”, introduzindo descontinuidades e distinções marcantes entre a tradição e a novidade. Esta característica peculiar da modernidade, frequentemente referida como “pensamento abissal” por Sousa Santos (2009), delineava a impossibilidade de coexistência de dois lados distintos: de um lado, a tradição, e do

outro, a modernidade. Dentro da tradição, encontramos os saberes locais, que englobam os ritos de iniciação, provérbios populares, mitos, contos e crenças religiosas, enquanto o lado da modernidade é caracterizado pelo conhecimento científico, baseado em evidências inquestionáveis, cálculos matemáticos precisos e provas indutivas sólidas (Santos, 2009).

A modernidade, desde seu início, marcou uma separação nítida com a tradição, questionando a validade dos saberes locais. Um dos marcos iniciais desse afastamento ocorreu com a publicação dos trabalhos de Johannes Kepler em 1609, onde ele formulou as chamadas “Leis de Kepler” que desafiaram o modelo geocêntrico tradicional. Essas leis, ao descreverem matematicamente o movimento planetário, minaram a visão de que a Terra era o centro do universo, levando à aceitação gradual do modelo heliocêntrico de Copérnico.

Um ano depois, Galileu publicou “Siderius Nuncius”, observando as luas de Júpiter e as fases de Vênus, o que corroborou a teoria heliocêntrica e questionou diretamente a visão geocêntrica tradicional. Essas observações desafiaram o conhecimento popular, no qual a tradição e os ritos de iniciação se inserem, e abriram caminho para o paradigma científico emergente.

Na modernidade, o conhecimento científico passou a ser validado através da experimentação, marcando uma mudança fundamental. Assim, a validade do conhecimento não dependia mais da autoridade ou da tradição, mas sim da empiricidade e da matemática precisa. O pensamento moderno passou a quantificar e medir, ignorando as qualidades subjectivas dos objectos (Santos, 1995).

3434

Essa abordagem reducionista simplificou os factos complexos, dividindo-os e hierarquizando-os. Os saberes locais, como os ritos de iniciação, não eram quantificáveis e não podiam ser submetidos aos rigorosos métodos matemáticos da modernidade, tornando-se, assim, marginalizados.

Francis Bacon, com sua obra “Novum Organum” originalmente publicada em 1620, propôs uma abordagem empírica que rejeitava a dedução e defendia a investigação empírica livre de tradições e preconceitos. Bacon (1999) argumentou que o conhecimento baseado em dedução estava enraizado em noções e tradições danosas, que deveriam ser superadas.

René Descartes, em 1637, publicou o “Discurso Sobre o Método”, que introduziu a dúvida metódica como uma ferramenta para a busca e validação da verdade. Descartes (2001) defendeu a necessidade de duvidar de tudo, suspendendo o assentimento a todo conhecimento

prévio. Sua abordagem radical eliminou todos os ritos de iniciação e tradições em favor da razão e do método.

A dúvida cartesiana, que questionou até mesmo a existência de Deus, deixou claro que a modernidade estava disposta a rejeitar tudo o que não pudesse ser submetido a um escrutínio rigoroso. A ênfase na razão e na experimentação continuou a marginalizar os saberes locais, como os ritos de iniciação, que não se encaixavam nesse novo paradigma (Ngoenha, 2000).

O ponto mais alto da enfatização da razão no período moderno culminou com um movimento conhecido como “Iluminismo”. Em sua essência, esse movimento prega que o ser humano deve emancipar-se de todas as tradições e formas de autoridade que exercem influência sobre ele. Como Gadamer (1999) destaca, “o que nos induz a erros é o respeito pelos outros, por sua autoridade, ou a precipitação que existe em nós mesmos” (p. 408).

Kant (1997), o expoente máximo do Iluminismo, exorta a sociedade ocidental moderna a ter a coragem de usar seu próprio entendimento, seguindo a máxima de Horácio, “sapere audi” (ouse pensar por si próprio). Isso implica sair da caverna da ignorância, deixar de acreditar no que os outros dizem, nas tradições propagadas por autoridades e nas Escrituras Sagradas.

A tendência central do Iluminismo é negar qualquer forma de autoridade, concedendo à razão humana o poder de decidir tudo por meio do “tribunal da razão” (Kant, 2001: 27). Portanto, a tradição oral e escrita, incluindo os ritos de iniciação, a Sagrada Escritura e qualquer outra informação histórica, não podem mais ser aceitos sem questionamentos. A validade da tradição agora depende da credibilidade que a razão atribui a ela. A fonte última de autoridade não é mais a tradição, mas sim a razão. O que está escrito não é automaticamente válido ou verdadeiro; a razão deve julgar. O Iluminismo, inadvertidamente, transformou a tradição em objecto de investigação histórica.

3435

Em um ambiente onde o Iluminismo proclamava a razão como guia supremo de todas as actividades humanas, surgiu o Positivismo, por meio dos trabalhos de Auguste Comte. Comte (1983) hierarquizou o conhecimento na modernidade, adaptando as ciências emergentes, naturais e sociais, ao modelo de racionalidade das ciências naturais (o método indutivo, legitimado por Bacon, como a abordagem adequada para a busca da verdade científica).

A hierarquia do conhecimento estabelecida por Comte marcou o auge da supremacia da ciência moderna. Ao hierarquizar o conhecimento, ele também hierarquizou o nível de inteligência humana, indo do inferior ao superior. Comte (1983) argumentava que a evolução

do conhecimento, desde os primórdios da humanidade até os dias actuais, passava por três estados históricos distintos: o estado teológico ou fictício, o estado metafísico ou abstracto e o estado científico ou positivo.

O primeiro estado, o teológico, é o ponto de partida da inteligência humana, no qual as causas dos fenómenos são atribuídas a entidades sobrenaturais e ocultas, um estado permeado por tradições, saberes locais, incertezas e obscuridades. O segundo estado, o metafísico, modifica o primeiro, substituindo as entidades sobrenaturais por forças abstractas.

O terceiro estado, o positivo ou científico, rompe com as tendências dos estados anteriores, concentrando-se na descoberta das leis efectivas por meio da razão e da observação. A razão e a observação são usadas para estudar as leis dos fenómenos, analisando suas relações invariáveis de sucessão e similaridade. Os factos são reduzidos a explicações reais, experimentais, que partem de observações específicas para inferir factos gerais.

Nesse contexto, a tradição, os ritos de iniciação e outros saberes locais não têm mais espaço, pois não se encaixam nas directrizes do método científico moderno, que prioriza a medição, a quantificação e o cálculo matemático rigoroso.

A Crise do Paradigma Moderno

3436

Se a primeira revolução científica deu origem a um novo modelo paradigmático conhecido como modernidade, a segunda revolução científica, iniciada com as teorias de Albert Einstein e a mecânica quântica, provocou uma ruptura no paradigma de racionalidade moderna.

A crise da ciência moderna pode ser atribuída a várias condições. A primeira delas é a teoria da relatividade de Einstein, que transformou nossas concepções de espaço e tempo, revelando um universo antes inimaginável. A relatividade mostrou que não existe um tempo universal e que tempo e espaço são válidos apenas em relação às nossas experiências.

Essa relatividade do tempo trouxe à tona uma narrativa local e relativista em vez da narrativa universal típica da modernidade. Einstein demonstrou que as leis da física e da matemática são baseadas em medições locais, realizadas de acordo com a simultaneidade dos observadores (Santos, 2009). Assim, o mundo deixou de ser regido por um tempo absoluto e passou a ser definido por relações locais.

A segunda condição da crise do paradigma moderno é a mecânica quântica, que relativizou as leis de Newton, evidenciando que entidades, como os electrões, podem existir simultaneamente como matéria e energia, dependendo de como são medidas. A mecânica

quântica desafiou a ideia de que é possível observar ou medir um objecto sem interferir nele, levando à conclusão de que o objecto após a medição não é o mesmo que antes. Isso questionou a natureza da realidade e a distinção entre o sujeito e o objecto – distinção que a modernidade considerava inquestionável.

A terceira condição da crise veio do campo da matemática, com o trabalho de Kurt Gödel, que provou que a matemática não pode provar sua própria consistência. Isso abalou a confiança na matemática como um fundamento absoluto e infalível da ciência.

A quarta condição surgiu de avanços em disciplinas como a microfísica, a química e a biologia, que passaram a reconhecer que a noção de ordem e desordem não é mais antagónica, mas complementar. Conforme ateste Morin:

Em diferentes áreas, a noção de ordem e a noção de desordem, a despeito das lógicas que isto acarreta, exigem, cada vez mais, instantaneamente, serem concebidas de modo complementar e não apenas antagónico: no plano teórico, a ligação surgiu com von Neumann [...] e von Foerster [...]; impôs-se na termodinâmica de Prigogine, ao demonstrar que fenómenos de organização aparecem em condições de turbulência; instala-se, sob o nome de caos, na meteorologia, e a ideia de caos organizador tornou-se fisicamente central [...]. Assim, a ideia de que ordem, desordem e organização devem ser pensadas em conjunto surge de diferentes pontos de partida. A missão da ciência não é mais afastar a desordem de suas teorias, mas estudá-la. Não é mais abolir a ideia de organização, mas concebê-la e introduzi-la para englobar disciplinas parciais. Eis por que um novo paradigma talvez esteja nascendo... (Morin, 2003, p. 114).

3437

Fenómenos de organização emergiram da turbulência e do caos, desafiando o determinismo moderno e introduzindo a ideia de criatividade e acidente, ideias estranhas à modernidade.

Esses novos elementos na ciência abriram espaço para um resgate das tradições, dos saberes locais e, mais especificamente, dos ritos de iniciação, à medida que o rigor do conhecimento humano foi limitado e a imprevisibilidade dos fenómenos foi reconhecida.

Pós-modernidade: o resgate dos saberes locais

Na era da pós-modernidade, que teve seu início no final do século XIX e início do século XX, a transformação paradigmática não se restringe apenas ao questionamento das estruturas dominantes, mas também abrange questões fundamentais sobre o saber e a legitimação do

conhecimento. Isso se conecta directamente ao ressurgimento da valorização de saberes locais, onde se enquadram também os ritos de iniciação (Lyotard, 2009).

Com uma explicação bastante didáctica, Lyotard (2009) assinala que considera-se “pós-moderna” a incredulidade em relação aos metarrelatos. A função narrativa perde seus actores, os grandes heróis, os grandes perigos, os grandes périclos e o grande objectivo. Ela se dispersa em nuvens de elementos de linguagem narrativos, mas também denotativos, prescritivos, descritivos, etc., cada um veiculando consigo validades pragmáticas *sui generis* (p. xvi).

Assim, a pós-modernidade se caracteriza por uma profunda desconfiança em relação às metanarrativas, abrangentes relatos que anteriormente dominavam a compreensão do mundo. Ela é marcada pela rejeição da ideia de um sujeito emancipado por meio de uma razão progressiva e pela renúncia à busca por princípios universais. Nesse contexto, a pós-modernidade celebra as diferenças e valoriza os saberes locais e subjectivos.

Segundo Sousa Santos (1995), a pós-modernidade nos incita a olhar para o Sul, a considerar uma epistemologia do Sul. Isso implica confrontar o conhecimento científico moderno com a riqueza de saberes presentes no hemisfério Sul. Inclui a valorização das tradições, dos mitos africanos, dos ritos de iniciação, dos provérbios e da filosofia ubuntu, entre outros. Essa abertura à diversidade de conhecimentos implica aprender com a riqueza do outro lado do hemisfério, uma sociologia que transcende as fronteiras ocidentais.

O paradigma pós-moderno, nas palavras de Santos (1995), é um “paradigma de um conhecimento prudente para uma vida decente” (p. 37). Isso abrange duas dimensões cruciais: em primeiro lugar, um conhecimento prudente, que compreende a importância do conhecimento científico; em segundo lugar, uma vida decente, que busca uma convivência social que valoriza os diferentes saberes de forma harmoniosa. Aqui, a ciência não é vista apenas como uma busca pelo conhecimento, mas como uma ferramenta para alcançar uma coexistência social digna em meio a diversos saberes considerados tão importantes e válidos quanto a ciência.

Lyotard (2009) nos lembra que o termo “pós-moderno” surge após as transformações que afectaram as regras dos jogos da ciência, literatura e artes a partir do final do século XIX. A pós-modernidade é caracterizada pela incredulidade em relação às metanarrativas, incluindo aquelas do Iluminismo, Positivismo, Marxismo e Idealismo alemão, que adoptavam uma visão abrangente e hegemônica do mundo. Esse ceticismo em relação às grandes narrativas abre

espaço para a valorização dos saberes locais, contextualizados e enraizados nas experiências e tradições específicas de diferentes culturas.

Dessa forma, na pós-modernidade, assistimos a um renascimento do valor dos saberes locais, com ênfase especial nos ritos de iniciação, que desempenham um papel fundamental na preservação e transmissão de conhecimentos tradicionais. A diversidade e a riqueza desses saberes contribuem para uma compreensão mais completa e contextualizada da realidade, desafiando a visão monocromática das metanarrativas e abrindo espaço para uma apreciação mais pluralista da cultura e do conhecimento.

Lipovetsky (2004), em concordância com Lyotard, argumenta que o pós-modernismo deve ser interpretado como uma mudança de paradigma em relação aos princípios da modernidade. Segundo este autor, a pós-modernidade marca a transição de concepções universais para a promoção de desejos subjectivos. Em outras palavras, as grandes instituições de socialização e ideologias progressistas perdem sua legitimidade, enquanto as normas de eficiência, a comercialização do conhecimento e a proliferação de acordos contractuais temporários ganham destaque.

A sociedade pós-moderna está intrinsecamente ligada ao capitalismo, que se concentra principalmente na promoção do consumo. Essa relação entre capitalismo e consumismo se torna cada vez mais evidente na sociedade pós-moderna, onde a interação entre consumidores e comerciantes se intensifica e quase tudo se torna aceitável.

3439

O saber é e será produzido para ser vendido, e ele é e será consumido para ser valorizado numa nova produção: nos dois casos, para ser trocado. Ele deixa de ser para si mesmo seu próprio fim e; perde o seu “valor de uso” (Lyotard, 2009, p. 5).

A marca característica da pós-modernidade, que a distingue diametralmente da modernidade, é o consumismo, tanto é que outra forma de designar a sociedade pós-moderna é “sociedade de consumo”. Os factores que tornaram possível o surgimento da sociedade de consumo foram: produção e marketing de massa, melhoria nas infra-estruturas modernas de transporte (ferrovias) e comunicação (surgimento do telefone), introdução de máquinas nas fábricas em jeito de substituição da mão-de-obra humana, fordismo (aumento da produtividade com custos mais baixos), capitalismo e seus imperativos do lucro, individualismo, e outros (Lipovetsky, 2007).

Hipermodernidade: a consequência dos exageros

A “hipermodernidade”, cunhada por Lypovetsky, denota uma intensificação, um exagero que permeia todos os aspectos da vida pós-moderna (Lipovetsky, 2004). Segundo Lypovetsky,

[...] se a modernidade se caracterizava pela crença num futuro perfeito e com ela ruíram o mito do progresso e as utopias revolucionárias, a hipermodernidade tem seus próprios mitos e suas próprias utopias: utopia do corpo perfeito, da saúde total, da alimentação natural, do politicamente correcto, da vida simples e sofisticada, da realização pessoal, da interactividade absoluta, da cirurgia plástica corretiva, da moda como factor de satisfação democrática e da comunicação entre os diferentes (Lipovetsky, 2007, p. xx).

Na hipermodernidade, tudo assume proporções superlativas, desde o “hiperconsumo” até o “hipercapitalismo”, passando pela “hiperclasse” e a “hiperpotência”. Aqui, a ênfase está na diferença e na singularidade. Quanto mais exótica for a cultura, a tradição ou o estilo de vida, mais atenção e destaque ela recebe. A diferença se torna um tesouro, e a ostentação de símbolos de *status* é onipresente, legitimando a distinção entre aqueles que possuem esses produtos e os que não possuem (Lipovetsky, 2004). E mais:

Mostram-no também as imagens do corpo no hiper-realismo pornô; a televisão e seus espetáculos que encenam a transparência total; [...] o turismo e suas multidões de férias; as aglomerações urbanas e suas megalópoles superpovoadas, asfixiadas, tentaculares (Lipovetsky, 2004, p. 55).

Diferentemente do que ocorria na sociedade de consumo de massa, onde a mercantilização era essencialmente materialista, na sociedade de hiperconsumo a mercantilização é estendida a todas as dimensões da vida humana, quer sejam materiais ou espirituais. Surge, então, o consumo emoção, proliferado pelo marketing sensorial. O objectivo é despertar, no consumidor, emoções, sensações imaginárias e afectivas quando circulam pelos mercados que, aliás, já não são simples mercados, mas hipermercados. Tudo é mercantilizado. Neste contexto, as tradições e os saberes populares acabam virando alvo de consumo e mercantilização: surgem canais independentes em redes de *streaming* que fazem cobertura de diferentes culturas, povos e etnias ao redor do mundo – o que lhes dá bastante lucro e retorno, pois a audiência para tais conteúdos é cada vez maior.

A tradição não é mais inexistente, combatida; pelo contrário, torna-se algo tão valioso que as pessoas pagam para poder ter a oportunidade de assistir. Porém, o fazem em escalas exacerbadas, hiperbólicas. Com isto, vem a globalização.

Na hipermodernidade, tudo é inflacionado. Em meio à inflação financeira, a desregulamentação e a saliência de suas operações, vivemos uma outra sorte de inflação: a inflação estética. A escalada hiperbólica da hipermodernidade alcançou o domínio estético. E, o capitalismo, sistema de sobrevivência dos mais adaptados, incorporou a hiperbolização dos estilos e das fantasias, da sedução visual e do divertimento, isso nos diversos campos do consumo. “*Vivemos no boom estético sustentado pelo capitalismo do hiperconsumo*” (Lipovetsky & Serroy, 2015, p. 35).

O hiperconsumidor estetizado é famélico de novidades, de espetáculos, de experiências emocionais exóticas. Lipovetsky & Serroy (2015) preferem chamá-lo de *consumidor transestético*, uma vez que ele vai além da ideia padrão de estética ou esteticismo. O consumo transestético diz respeito à nova relação hedonista com o consumo norteada no sentir, tendo como objectivo emoções e experiências renovadas, não a beleza dos objectos de consumo. No consumo transestético busca-se desinteressadamente, e, generalizadamente, o prazer e a diversão por meio da estética: novas descobertas, novas percepções e sensações hedonistas e emocionais – que podem muito bem derivar da contemplação de diferentes formas étnicas, tradições e culturas; o sentimento que é despertado no indivíduo ao acompanhar, por exemplo, um ritual de iniciação de determinado povo ou cultura. Nada é desvalorizado ou desperdiçado.

3441

Posicionamento Actual de Moçambique na Encruzilhada Paradigmática

No cenário acadêmico contemporâneo, a análise das diferentes eras e correntes de pensamento que influenciaram a trajetória da humanidade continua a ser um ponto de debate. Autores renomados, como Jürgen Habermas (2000), defendem a tese de que a modernidade ainda está presente em nossa sociedade. Por outro lado, pensadores como Jean-François Lyotard (2009) argumentam que a modernidade chegou ao seu fim e deu lugar a uma nova era, a pós-modernidade, caracterizada por uma postura intelectual distinta. Ao mesmo tempo, Gilles Lipovetsky (2004) introduz o conceito de hipermodernidade, uma fase que emerge como um desdobramento exagerado da pós-modernidade. No entanto, Bruno Latour (1994) desafia essa discussão, questionando se alguma vez fomos verdadeiramente modernos e se estamos actualmente em um estado hipermoderno.

Para compreender o actual posicionamento de Moçambique nessa encruzilhada paradigmática, é crucial definir o que implica ser moderno, pós-moderno e hipermoderno. Deve-se notar, inicialmente, que nem todas as sociedades abraçaram o projecto da modernidade, que tinha como pilares a dominação do homem pelo homem e a emancipação da natureza (Latour, 1994). Moçambique, por exemplo, não adoptou a modernidade, mas sim sofreu as consequências dela, particularmente a dor da escravidão imposta pelos colonizadores europeus. Antes da colonização, os moçambicanos viviam em uma sociedade que August Comte pejorativamente rotulou como “estágio fictício” ou “metafísico”, seguindo os ensinamentos dos espíritos ancestrais que protegiam tanto os seres humanos. Nesse contexto, a emancipação da natureza não fazia sentido, uma vez que isso equivaleria a se afastar dos espíritos ancestrais que orientavam suas vidas.

Ao examinar o Moçambique pós-colonial, surgem perguntas intrigantes sobre seu alinhamento com as diferentes fases paradigmáticas. Será que o país finalmente aderiu ao projecto moderno? Ou teria avançado para fases posteriores, como a pós-modernidade ou a hipermodernidade? Para responder a essas perguntas, é relevante considerar as diferenças entre sociedades tradicionais/rurais e sociedades desenvolvidas. É possível identificar traços da hipermodernidade nas cidades moçambicanas, mas essa característica não se estende igualmente ao contexto rural.

3442

Elementos essenciais da hipermodernidade, como hiperconsumo, busca por marcas, anseio por autenticidade, imediatismo, hedonismo, erotização, consumo baseado em emoções, criatividade no consumo, hiperindividualismo e o culto ao bem-estar individual, são mais facilmente encontrados nas áreas urbanas de Moçambique. Nas áreas rurais, por outro lado, essas características não são tão evidentes. A busca por hiperclasse social, hedonismo e estetização do consumo não são proeminentes nas comunidades rurais, onde os valores e modos de vida tradicionais ainda predominam.

É importante destacar que a transição entre essas fases paradigmáticas não é um processo linear ou uniforme. Moçambique é um país diversificado, com uma mistura de áreas urbanas e rurais que experimentam essas mudanças de maneira diferenciada. Em algumas cidades moçambicanas, como, por exemplo, Maputo e Beira, nas classes sociais mais altas, observamos a influência crescente da pós-modernidade, até mesmo da hipermodernidade, com o surgimento de padrões de consumo que reflectem uma mentalidade hipermoderna. Conforme Francisco & Siúta (2015), os centros urbanos são onde a busca por marcas de luxo, a obsessão

pelo consumo, o desejo por experiências sensoriais e a busca pela individualidade estão mais evidentes.

As cidades também testemunham o fenómeno do “consumo estetizado”, onde a estética e a aparência desempenham um papel cada vez mais importante na vida cotidiana. Isso pode ser observado nas lojas de moda, nos centros comerciais luxuosos e nas tendências de beleza que se espalham rapidamente. No entanto, mesmo nas cidades, esse estilo de vida hipermoderno está concentrado em camadas sociais específicas, conhecidas como hiperclasses, que têm recursos e acesso aos produtos e experiências hipermodernos.

Contrastando com as áreas urbanas, nas zonas rurais de Moçambique, os valores tradicionais e as práticas ancestrais ainda desempenham um papel central (Osório & Macuácuá, 2013). As comunidades rurais continuam a viver de acordo com tradições que enfatizam a colectividade, a espiritualidade e a harmonia com a natureza. Para essas comunidades, a emancipação da natureza, um dos pilares da modernidade, não é uma prioridade, uma vez que, conforme atesta Ngoenha (2000), a relação com a natureza é vista como uma parte intrínseca de suas crenças e práticas culturais. No entanto, não devemos interpretar essa diferenciação como uma dualidade estrita entre áreas urbanas hipermodernas e áreas rurais tradicionais. A realidade moçambicana é mais complexa e matizada do que uma divisão rígida entre modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. Em muitos casos, mesmo nas áreas rurais, os impactos da modernidade e da globalização são perceptíveis, à medida que as comunidades são gradualmente influenciadas por mudanças sociais, económicas e tecnológicas.

3443

Além dos aspectos ora mencionados, é crucial reconhecer que o debate em torno da modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade não deve ser encarado como uma dicotomia, mas sim, conforme explica Lyotard (2009), como um espectro contínuo de mudanças culturais, sociais e intelectuais. Moçambique, como muitos outros países em desenvolvimento, está posicionado em um ponto intermediário desse espectro, enfrentando desafios e oportunidades específicos em seu caminho para o futuro.

Um aspecto importante a considerar é como essa evolução paradigmática afecta a preservação e o reconhecimento dos ritos de iniciação na sociedade moçambicana. Conforme Osório (2013), os ritos de iniciação desempenham um papel fundamental nas culturas tradicionais moçambicanas, servindo como meios de transmitir conhecimentos, valores e identidade cultural às gerações mais jovens. Em um contexto hipermoderno, onde a busca

incessante pelo novo e a valorização do individualismo podem predominar, a preservação das tradições e dos ritos de iniciação é no mínimo desafiadora.

Nas áreas urbanas, os ritos de iniciação enfrentam a concorrência de valores pós-modernos e hipermodernos, com os jovens sendo mais influenciados pelas tendências globais de consumo e pela cultura de marca. No entanto, é importante notar que muitas organizações, grupos de docentes universitários defensores dos saberes locais (como José P. Castiano e Severino Ngoenha) e líderes comunitários estão a trabalhar activamente para manter e revitalizar essas tradições, adaptando-as ao contexto contemporâneo.

Nas áreas rurais, os ritos de iniciação ainda desempenham um papel central na vida das comunidades, mas também enfrentam desafios. A modernização e a urbanização levam a uma migração dos jovens para áreas urbanas, onde são mais suscetíveis à influência hipermoderna. No entanto, muitas comunidades rurais continuam a valorizar profundamente esses rituais e reconhecem sua importância na preservação da identidade cultural e dos valores tradicionais.

CONCLUSÃO

Ao longo do presente artigo, exploramos a relação entre os saberes locais e a modernidade, com um foco especial nos ritos de iniciação, e a evolução paradigmática que a sociedade moçambicana enfrenta no contexto da modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. O problema central que buscamos abordar era a aparente incompatibilidade entre a modernidade, com sua ênfase na empiricidade e rejeição de saberes ancorados na tradição, e os ritos de iniciação que são fundamentais nas culturas locais de Moçambique.

Nossos objectivos específicos nos levaram a examinar como os saberes locais foram marginalizados na modernidade, destacando a ênfase na empiria, experimentação e rejeição da autoridade e tradição como critérios de validade. Em seguida, exploramos como a pós-modernidade trouxe uma valorização dos saberes locais, resgatando a importância das micronarrativas, tradições e crenças, desafiando as metanarrativas modernas e enfatizando a multiplicidade de conhecimentos como uma parte essencial da coexistência social. Ademais, consideramos a hipermodernidade como uma fase exagerada da pós-modernidade, caracterizada pela inflação estética e uma busca incessante por novidades, experiências emocionais exóticas e estetização do consumo, que implicam uma mercantilização da cultura, inclusive das ceriménias rituais de diferentes etnias e povos, o que inclui os ritos de iniciação – que se tornam em um espetáculo por assistir.

No contexto de Moçambique, discutimos o posicionamento actual do país na encruzilhada paradigmática da modernidade, pós-modernidade e hipermodernidade. Reconhecemos que Moçambique não adoptou plenamente a modernidade, mas sofreu as consequências dela, especialmente durante o período de colonização. Enfatizamos que o país experimenta de forma diferenciada as transições paradigmáticas, com áreas urbanas exibindo traços de pós-modernidade e hipermodernidade, enquanto as áreas rurais mantêm valores tradicionais.

Destacamos a importância de não ver essa diferenciação como uma dualidade rígida, mas sim como um espectro contínuo de mudanças culturais, sociais e intelectuais. Moçambique enfrenta desafios e oportunidades específicos enquanto navega por este espectro em direcção ao futuro.

Por fim, considerando a preservação e o reconhecimento dos ritos de iniciação na sociedade moçambicana, observamos que eles enfrentam desafios nas áreas urbanas, onde os valores hipermodernos e pós-modernos competem pela atenção dos jovens. No entanto, também reconhecemos os esforços de defensores dos saberes locais e líderes comunitários que trabalham activamente para manter e revitalizar essas tradições. Nas áreas rurais, os ritos de iniciação continuam desempenhando um papel fundamental na vida das comunidades, embora enfrentem a influência da modernização e urbanização.

3445

Moçambique está em um momento crucial de sua trajetória paradigmática, onde a coexistência de diferentes influências culturais é evidente. A preservação e o reconhecimento dos ritos de iniciação como parte essencial da identidade cultural moçambicana dependem, em grande medida, da capacidade de adaptar essas tradições aos desafios e oportunidades apresentados pela evolução paradigmática. O país tem a oportunidade de abraçar uma abordagem inclusiva que valorize tanto os saberes locais quanto o conhecimento moderno, encontrando um equilíbrio que fortaleça sua rica herança cultural em um mundo em constante transformação. Portanto, é imperativo continuar a pesquisa e o diálogo sobre esse tema, envolvendo as diversas partes interessadas, para garantir que as tradições culturais moçambicanas continuem a florescer no contexto contemporâneo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Bacon, F. (1999). *Novum organum*. São Paulo: Nova Cultural.

- Comte, A. (1983). *Curso de Filosofia Positiva*. In: Os pensadores: Comte. Org. José Arthur Giannotti. Trad. José Arthur Giannotti e Miguel Lemos. 2.ed. São Paulo: Abril Cultural.
- DaMatta, R. (2000). *Individualidade e liminaridade: considerações sobre os ritos de passagem e a modernidade*. Revista Mana, v. 6, n. 7, pp. 7-28.
- Descartes, R. (2001). *Discurso do Método*. Trad. Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- Francisco, A. A., & Siúta, M. (2015). *Consumo em Moçambique: Contar com as Próprias Forças... ou dos Outros?* Maputo: Instituto de Estudos Sociais e Económicos.
- Gadamer, H. J. (1999). *Verdade e método*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Habermas, J. (2000). *O Discurso filosófico da modernidade: doze lições*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kant, I. (2001). *Crítica da razão pura*. 5ª ed., Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____. (1997). *Resposta à pergunta: o que é o esclarecimento?*. Rio de Janeiro: Vozes.
- Latour, B. (1994). *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: 34 Literatura.
- Lipovetski, G. (2004). *Os tempos hipermodernos*. São Paulo: Barcarolla.
- Lipovetsky, G., & Serroy, J. (2015). *A Estetização do Mundo: viver na era do capitalismo artista*. São Paulo: Companhia das Letras.
- _____. (2007). *A Felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Lyotard, J. F. (2009). *A Condição pós-moderna*. Trad. Ricardo Barbosa. 12.ed., Rio de Janeiro: José Olympio
- Morin, E. (2003). *A Cabeça Bem-Feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 8.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Ngoenha, S. E. (2000). *Estatuto e axiologia da educação em Moçambique: o paradigmático questionamento da Missão Suíça*. Maputo: Imprensa Universitária.
- Osório, C. (2013). Identidades de género e identidades sexuais no contexto dos ritos de iniciação no Centro e Norte de Moçambique. *Revista Outras Vozes*, pp. 43-44.
- Osório, C., & Macuácuá, E. (2013). *Os ritos de iniciação no contexto actual: ajustamentos, rupturas e confrontos construindo identidades de género*. Maputo: WLSA Moçambique.
- Santos, B. S. (1995). *Um Discurso Sobre as Ciências*. 7.ed. Porto: Afrontamento.
- _____. (2009). *Para Além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes*. In: "Epistemologia do Sul". Orgs. Boaventura de Sousa Santos e Maria Paula Meneses. Coimbra: Almedina.